

A LUTA DE CLASSES COMO PROTAGONISMO FUNDAMENTAL PARA EMANCIPAÇÃO FEMININA

Lívia Raquel da Silva Oliveira¹
Gabriele da Silva Antunes²
Tânia Serra Azul Machado³

RESUMO

Este trabalho busca discutir o feminismo em recorte de raça e classe a partir da experiência vivida pelo grupo autônomo de mulheres da Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Mulheres, uni-vos! – com as mães que constroem a Associação Santos Dias no localizada no bairro Ancuri em Fortaleza-CE. A metodologia utilizada com as mulheres foi baseada no método de Palavras Geradoras do patrono da educação brasileira Paulo Freire, dentre as palavras geradoras em que perpassa por toda o gênero feminino, sentindo-se parte do meio como indivíduo no espaço social em que vivência, com a discussão obtendo uma evidencia concreta do que autoras e autores afirmam que a emancipação humano só pode ser de fato concreta por meio da luta de classe, assim também como a luta feminista. Além da atividade supracitada o presente artigo foi embasado, também, na observação das mulheres que participaram daquela atividade e na transcrição do depoimento das mesmas.

Palavras-chave: Feminismo, Emancipação, Classe.

INTRODUÇÃO

Simone de Beauvoir em sua obra *O Segundo Sexo*, publicada originalmente em 1949, afirma que não se nasce mulher, torna-se. Tal frase, alardeada por muitas mulheres de diferentes épocas em diferentes momentos de luta traduz e exprime o fato de que ser mulher foi e continua sendo algo definido por papéis sociais impostos pelo sistema patriarcal. Em seu livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* (2014), o filósofo alemão Friedrich Engels traça um percurso histórico desde as primeiras organizações familiares até o momento em que o papel social da mulher é o de “senhora do lar”. O autor cita, na mesma obra, uma frase escrita em 1946 por Marx, que diz “a primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher

para a procriação dos filhos”. Passando por aspectos culturais como união entre membros da mesma família, união livre e monogamia o autor mostra que a exploração da mulher não nasceu junto do Capital, mas que se tornou cada vez maior com o advento dele uma vez que com o acúmulo de bens e renda o homem assumiu cada vez mais o papel de chefe de família, delegando a mulher tarefas como a manutenção da casa e a responsabilidade no cuidado com os filhos e filhas. Ainda sobre a nova organização conjugal, achamos importante destacar que

A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, inaugurou juntamente com a escravidão e com as riquezas privadas à época que dura até hoje, onde cada progresso é ao mesmo tempo um regresso relativo ao bem-estar e desenvolvimento de uns se dão às custas da dor e da repressão de outros. A monogamia é a forma celular da sociedade civilizada, na qual podemos estudar a natureza das contradições e dos antagonismos que alcançam seu pleno desenvolvimento na sociedade. (ENGELS, p. 18.)

Reforçada com o advento da monogamia, à mulher foi imposta a tarefa de servir e ser tratada como uma propriedade privada de seu companheiro e da sociedade. A essa parcela da população foi negado, durante décadas, o direito de aprender a ler, escrever, votar, possuir bens entre tantos outros. O movimento feminista, devido ao seu caráter dinâmico, é didaticamente dividido em *ondas*. Sendo assim, utilizando o aparato teórico definido por Duarte (2003), a primeira onda do movimento feminista se deu no começo do século XIX e reivindicava o direito das mulheres a ler e escrever. Em 1870 a segunda onda feminista continuou sendo pautada no acesso à educação pelas mulheres. No século XX a terceira onda do feminismo pautava direito ao voto, ao direito de ocupar o mercado de trabalho e acessar o ensino superior e, por fim, apresentamos a quarta onda do movimento feminista durante a década de 70 que discutia os direitos reprodutivos, a liberdade sexual e a paridade de gênero. Com os avanços nas discussões e organizações de diferentes grupos de mulheres uma série de outras pautas surgiram, como a luta das mulheres negras, menos abastadas, transgêneras, travestis que sofrem diferentes opressões além do machismo estruturalmente enraizado em nossa sociedade que se organizada de forma majoritariamente patriarcal inserida no sistema capitalista.

Foi no movimento sufragista¹ em que se deu um dos principais momentos históricos do feminismo: a luta pelo o direito ao voto, onde que tivemos um marco imenso dentro luta racial após abolição da escravidão. O direito ao voto feminino foi uma luta radical mesmo sendo uma luta feminista, afinal quando foi garantido o direito ao voto somente uma raça poderia gozar deste direito, as mulheres brancas e, conseqüentemente, mulheres ricas. Uma das maiores influencias na luta pelo direito ao voto foi Angela Davis (2016, p. 152). Segundo a filósofa e ativista

“As mulheres negras estavam mais do que dispostas a colaborar com seus “claros poderes de observação e julgamento” para a criação de um movimento multirracial pelos direitos políticos das mulheres. Mas, a cada tentativa elas eram traídas. Menosprezadas e rejeitadas pelas líderes do branco como leite movimento sufragista feminino. Tanto para as sufragistas quanto para as integrantes do movimento associativo, as mulheres negras eram seres meramente dispensáveis quando se tratava de conquistar o apoio das brancas do Sul.”

Levando em consideração que o feminismo iniciou sua ebulição partindo da organização e luta de mulheres brancas e burguesas pensamos ser o nosso papel do movimento que cada vez mais mulheres tenham acesso e conheçam seus direitos e seu papel na transformação social. No meio acadêmico o feminismo conquista seu espaço por meio de discussões, publicações, análises teóricas e a própria prática cotidiana porém sabe-se que para as mulheres socialmente marginalizadas por sua raça e classe social esse esclarecimento dificilmente consegue alcançar os espaços da periferia onde há majoritariamente mulheres negras, operárias e socialmente esquecidas.

¹ Foram diversas campanhas realizadas a partir de meados do século XIX para garantir às mulheres da Inglaterra e dos Estados Unidos algo então inédito para elas: o sufrágio, direito de votar em eleições políticas. Desde as antigas civilizações da Grécia e de Roma às democracias surgidas na Europa após a Revolução Francesa (1789), o voto feminino nunca havia sido permitido. “O movimento sufragista tem suas origens na urbanização e na industrialização do século XIX”, diz a historiadora Lidia Possas, da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Quando mudaram do campo para as cidades, para trabalhar nas fábricas, as mulheres passaram a se conscientizar mais de seus direitos. A escritora inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi a grande pioneira da defesa do voto feminino, em livros e manifestos publicados a partir de 1792. Suas idéias se espalharam para os Estados Unidos e, décadas depois, influenciaram duas ativistas da luta contra a escravidão: Elizabeth Cady Stanton (1815-1902) e Susan Anthony (1820-1906). Em 1852, as duas se uniram para reivindicar também a participação das mulheres na democracia. Apesar de o movimento ter sido mais forte na Inglaterra e nos Estados Unidos, o primeiro país a permitir o voto feminino foi a Nova Zelândia, em 1883.

Baseado em leituras, vivências e trocas de saberes proporcionados principalmente pelo grupo autônomo construído por estudantes de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), *Mulheres, uni-vos!* este trabalho busca discutir principalmente a necessidade de emancipação de mulheres de classes socialmente marginalizadas pela sociedade inserida no sistema capitalista utilizando como base metodológica a atividade realizada na Associação Comunitária Santos Dias, localizado no Bairro Ancuri.

METODOLOGIA

Buscando ouvir os saberes de outras mulheres foi organizada então a dinâmica das palavras geradoras baseada em uma das metodologias freirianas de Palavras Geradoras que, segundo Silva (2000), consiste em

A práxis pedagógica de Paulo Freire mostra, conforme afirma Weffort, o respeito à liberdade dos educandos - que nunca são chamados de analfabetos mas de alfabetizandos. Ao educador cabe apenas registrar fielmente o vocabulário dos participantes e selecionar algumas palavras básicas em termos de frequência, relevância como significação vivida e tipo de complexidade fonêmica que apresentam. Estas palavras, de uso comum na linguagem do povo e carregadas de experiências vividas, são as *palavras geradoras*. (SILVA, 2000)

Ainda sobre o método freiriano, a atividade buscou ressignificar para aquelas mulheres situações de seu cotidiano enquanto cidadãos. Diante disso, é válido ressaltar que

“(...) uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (FREIRE, 2011, p.19-20)

As imagens junto as palavras buscaram evidenciar o que estava por escrito a fim de que as mulheres pegassem uma ficha e relatassem o significado dela. Cada uma delas relatou seus sentimentos e pensamentos em relação às palavras e a discussão perpassou pelo que elas entendiam como sendo a estrutura familiar, o acesso a serviços como posto de saúde, a relação com os filhos, a necessidade da casa própria entre outros. O que se pôde observar foi que a maioria daquelas mulheres são o pilar que sustenta as famílias, a casa, os filhos, a figura da mulher guerreira cujos direitos básicos são negados.

Todas elas lutam por melhorias no bairro, organizam abaixo assinados para reformas em praças. Um dos relatos foi a luta por escola pública onde no mesmo dia do encontro, estava completando um ano da morte de uma criança de quatro anos de idade morreu diante a insalubridade do espaço físico da escola pública de Fortaleza. O parque da escola ficava em cima de uma fossa, no intervalo as crianças brincando o espaço cedeu. Foi a partir desse momento trágico que as mulheres da associação começaram a se organizar e exigir o não sucateamento de seu bairro.

DESENVOLVIMENTO

O espaço da atividade foi a Associação Santos Dias, localizado no Bairro Ancuri em Fortaleza-CE. Estiveram presentes quinze mulheres, todas mães, doze delas de cor preta. Foram dispostas no chão fichas com palavras e imagens do cotidiano daquelas mulheres e de tantas outras como: mulher, transporte público, lazer, casa própria, filhos, relacionamento, posto de saúde, creche, lazer.

. Através da dinâmica foi possível perceber a importância de dar voz àquelas mulheres cujas histórias são silenciadas pela sociedade em que estão inseridas. Julgamos importante ressaltar que as mulheres que participaram da atividade e são responsáveis pelo lar, buscam seus direitos por educação, saúde, emprego, existência podem não ter a teoria acadêmica do feminismo, mas vivenciam sua luta diariamente na prática quando se inserem nos espaços comunitários e exigem condições básicas de existência em suas comunidades.

Segundo Monique, uma das mulheres presentes na Associação “essa atividade que fizeram aqui foi muito importante porque nós somos mulheres, mães e muitas vezes temos medo de falar. Mas nós não podemos ficar caladas”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O coletivo, formado majoritariamente por estudantes da UECE, buscando levar a importante discussão da emancipação feminina para além da universidade passou a desenvolver atividades de cunho formativo como rodas de conversa sobre relações abusivas, maternidade e oficinas abertas ao público em geral. Foi a partir dessa inquietação - de que a opressão de gênero perpassa por todas as mulheres - que surgiu a atividade que irá basear o presente artigo: discutir

feminismo com as mulheres das periferias de Fortaleza, cujo acesso a espaços privilegiados como a universidade ainda é negado.

E as mulheres que não chegaram no ensino médio? Superior? Movidas por essas e outras indagações o coletivo se dispôs a visitar outros espaços, conhecer outras realidades, outros saberes por meio das mulheres que não são assistidas e ouvidas, ou seja, oprimidas. A realidade é que, sendo mulher, não se está imune de opressão e violência nem dentro de espaços como a universidade, porém é necessário ressaltar que o acesso ao conhecimento se torna um privilégio cada vez maior, daí a importância de levar esse saber empoderador a todas as mulheres que pudermos.

Levando em consideração que há diferentes saberes, o feminismo deve colocar em pauta a luta de classes. Sem ela, não há feminismo. Assim, Cecília Toledo (2008, p.9) elucida que:

Apesar de tudo que é comum e próprio do gênero feminino, o sistema capitalista, alicerçado na divisão de classe, favorece a relação entre a mulher burguesa e a mulher operária e trabalhadora. Mulheres: o gênero nos une e a classe nos divide aborda também a importância que está problemática teve para os marxistas na história.

Dessa forma, há a compreensão que estudar livros de autoria feminina em espaços privilegiados sem dar a devida importância às mulheres oprimidas por sua raça e classe seria ingenuidade. A ausência de discussão científica não deve ser justificativa para a não inclusão de mulheres de diferentes realidades na luta feminista. Todo conhecimento, de natureza científica ou social, possui suma importância no processo das transformações históricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria é parte importante no desenvolvimento de qualquer atividade ou aprendizado porém, após essa experiência, foi possível perceber que somente esse aparato não é suficiente. O feminismo deve ser, acima de tudo, prático e político. Deve se preocupar em abranger as mulheres oprimidas sistematicamente pelo machismo, racismo e classismo. A experiência enquanto coletivo e durante a vivência com as mulheres da associação são momentos necessários na construção do conhecimento empoderador que não alcança a todas.

O feminismo com sua principal importância como emancipação humana não fará sentido se não for de fato uma luta de classe, como cita em melhor desempenho Cecília, “a luta pela emancipação da mulher é uma luta contra o capitalismo e enquanto este sistema existir a

emancipação feminina em sua plenitude, será impossível”. Estudar, conversar sobre feminismo em espaços privilegiados não é que perca o sentido, mas é que só fará sentido quando a luta feminista ultrapassar os muros das universidades. A luta de classe não se pode chegar somente nos espaços acadêmicos, mas para toda a massa proletária.

ANEXOS:



REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Best bolso, 1º ed. 2014.

DUARTE, Constância L. . **Feminismo e literatura no Brasil**. Revista de Estudos Avançados, São Paulo, v. 49, p. 81-90, 2003.

Anuário do Ceará <<http://www.anuariodoceara.com.br/indice-bairros-fortaleza/>> acessado em 16 de julho/2019.

TOLEDO. Cecília, **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. Sundermann, 2ºed. São Paulo, 2008.

Jornal Diário do Nordeste <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/online/crianca-morre-apos-cair-em-fossa-de-escola-1.1942870>> Acesso em 19 de agosto de 2019.

Revista Super Interessante. Ed. abril/2011. **O que foi o movimento sufragista?**. <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-movimento-sufragista/>>. Acesso em 15 de agosto de 2019.

DAVIS. Angela, **Mulheres raça e classe**. Boitempo, 1ºed, São Paulo, 2016.

FREIRE. Paulo, **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Cortez, 51ºed. São Paulo, 2011.

SILVA, Edvaneide Barbosa da. . **Educação como prática da liberdade (resenha)**. Revista Brasileira de Educação , Campinas/ São Paulo, 2000.